

VESCIO BARRETO

A Grecia Pré-Helenica

TÉSE DE CONCURSO, APRESENTADA Á
CONGREGAÇÃO DO ATENEU NORTE-RIO-
GRANDENSE, PARA O PROVIMENTO EFETIVO
DA CADEIRA DE HISTORIA DA CIVILISAÇÃO.

DR. ISRAEL NASARENO



NATAL
IMPrensa OFICIAL
1933

VESCIO BARRETO

A Grecia Pré-Helenica

N. A. — A falta de acento grave no e das citações em francês, é uma falha decorrente da não existencia dessa acen-tuação na maquina onde foi composto este trabalho.



NATAL
IMPrensa OFICIAL
1933

VESCIO BARRETO

A Grecia Pré-Helenica

TÉSE DE CONCURSO, APRESENTADA Á
CONGREGAÇÃO DO ATENEU NORTE-RIO-
GRANDENSE, PARA O PROVIMENTO EFETIVO
DA CADEIRA DE HISTORIA DA CIVILISAÇÃO.



NATAL
IMPRESA OFICIAL
1933

1870

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1870

1870

Grecia, heleno e Helade, embora sabendo suas divergencias historicas.

Da origem da palavra Grecia e sua divulgaco através dos Romanos, uma das melhores sinteses é a feita por James David Bouchier, do "King's College" em Cambridge, para a Enciclopedia Britanica (undecima edição. New-York, 1910-1911. volume XII):

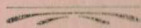
"The name GRAECIA, which was more or less vaguely given to the ancient country by the Romans, seems not to have been employed by any native writer before Aristotle; it was apparently derived by the Romans from the Illyrians, who applied the name of an Epirote tribe (graeci) to all their southern neighbours. The names Hellas, Hellenes, by which the ancient Greeks called their country and their race, and which are still employed by the modern Greeks, originally designated a small district in Phthiotis in Thessaly and its inhabitants, who gradually spread over the lands south of the Cambunian mountains. The name Hellenes was not universally applied to the Greek race until the post — Homeric epoch. (Thucyd. i. 3)"

Esta citaço resume, em varios pontos, minha opinião pessoal sobre o assunto.

O encanto do espirito grego é cada vez mais absorvente, ante a desilusão moderna do nosso mundo super-civilizado. Não será extranhavel minha escolha para um tma que tem prendido a paciente e erudita curiosidade dos sabios, de vs que, nem por serem pobres e fracos, os meus argumentos e comentarios, serão menos sinceros e desejosos da Verdade historica.

Natal, Julho 1933.

VESCIO BARRETO.



I

Entre os povos historicos a tradição mais orgulhecedora era a de haver nascido do proprio solo. Paizes, cidades ou familias possuiam estas tradições e guardavam-nas ciosamente, como um atestado de sua superioridade sobre os visinhos, cujo passado, bem conhecido, indicava de quais regiões haviam emigrado seus primitivos povoadores.

Era natural que a teoria da autoctonicidade fosse aceita e proclamada como um dogma nacional, constituindo crime de lesa-patria o desmentido, ou mesmo a indiferença ás historias miraculosas que vinham, de geração em geração, como um patrimonio de honra coletiva. Certos paizes coordenaram essas tradições e fizeram uma especie de corpo de doutrina, explicando o povoamento, a colonização, o desenvolvimento de determinadas zonas, como trabalhos de certas familias de origem divina, creadas pelo capricho amoroso de um Deus para o progresso da humanidade vulgar. Não havia, outrora, paiz historicamente illustre que não pretendesse ter sido civilizado por um Hercules, um Teseu, um dos expedicionarios argonautas, ou um dos herois da guerra de Troia.

Para outros paizes essas glorias não bastavam. Necessitavam de uma fonte mais alta que vinculasse a raiz ethnica comum a um Deus, tornando desta forma todos os habitantes como descendentes dos celicolas e herdeiros terrestres da sua fama e dos seus feitos inapagaveis.

A tradição mais espalhada e que mais enobrecia o paiz era a da raça primitiva haver surgido do proprio solo em que vivia. Essa formula colocava o povo ao par e ao nivel dos Deuses, pois a origem de um povo, vindo da Terra (eton) emparelhava-o com as mais altas divindades. A Terra, que os gregos chamavam Gaia, era mãe universal de

todos os seres, nascera depois do Caus — o Deus rudimentar — e casara com Uranos, ou Ouranos, o Coelo, o Ceu, filho do Eter e do Dia. Gaia e Uranos são os páis dos Deuses e dos gigantes. Os outros nomes da Terra, Telus, Vesta, Titeia, Ops, alargam seu dominio e fazem-na a soberana inicial, o primeiro poder organizado e fecundo, semeando o Universo de seres vivos.

Desde que uma raça humana viesse da propria terra, consequentemente vinha da mesma nascença divina.

Era colateral de Saturno, pai de Jupiter, avô de todos os Deuses. Daí o nascimento da tradição dos **autoctones** (**auto**, por si mesmo, e **cton**, terra ou da terra), titulo fidalgo que punha um paiz ao lado do Olimpo.

Os Egipcios sempre se julgaram autoctones e diziam que os paizes visinhos eram feitos de colonizadores saídos de sua raça. Era natural que a Grecia tivesse uma crença, e a teve, explicando a genese de seu povo.

Impossivel é ainda hoje o conhecimento bem claro dessas idades míticas, onde as lendas se enovelam com os possiveis fatos historicos, tornando o quadro densamente enevoadado e confuso. Nem mesmo o auxilio poderoso da arqueologia pode determinar definitivamente as epocas, nem a antropologia poude ainda individualisar os tipos etnicos, formadores do grego. A ciencia avança, reunindo dados, e coordenando hipoteses tanto mais engenhosas quanto se apoiam em material milenar que a curiosidade do arqueologo vai ressuscitando do seio da terra.

Resta entretanto a literatura grega, registrando todas as tradições e colecionando pacientemente as lendas narradoras da genese racial do grego. São lendas, mas as lendas têm sempre um fio de verdade e para os mestres, como Van Gennep ou Salomão Reinach, constituem pontos de referencia para o aquilatamento da mentalidade que as formou, propagou e aceitou.

Um aspecto desse periodo pré-helenico, aspecto religioso que sobreviveu ao espantoso desenvolvimento da civilização caracteristicamente grega, é o culto das divindades arcaicas, anteriores á religião official helenica e que durou seculos, correndo paralelamente ás cerimonias litur-

gicas da igreja de Zeus Olimpico. Esse culto arcaico, e comovedoramente guardado, atravessou acontecimentos que transformaram a fisionomia politica do paiz, sem se do-turpar e aceitar elementos doutras modalidades religiosas. Até a Grecia, despovoada de seus herois e sem a valentia desassomburada de seus guerreiros extraordinarios, já sem a recordação dos hoplitas de Maratona e dos marinheiros de Salamina, ser apenas uma provincia romana, o culto arcaico se mantinha com ministros e fieis, com a mes-ma grandeza obstinada dos derradeiros pagãos que se refugiaram nos campos para render ás divindades ven-cidas pelo triunfo cristão, as homenagens de uma fé que se não havia abalado com a derrota dos idolos.

O seculo de Augusto ainda encontrou na Grecia o culto velho, cuja ancestralidade desafiava o computo dos observadores.

Ignoramos ainda os pormenores desse culto ás divin-dades pré-helénicas. Pertencia a classe esoterica, e as ini-ciações eram avidamente procuradas e muitissimo dificeis. Cercavam-nas de cerimoniaes de tal forma impressionado-ras que o iniciado, de si já preso por um juramento tre-mendo, preferia morrer entregue á tortura a descobrir os segredos que lhe tinham sido desvendados nos dias sagra-dos em que fôra recebido. Não existe nenhum documento que descreva o curso das cerimoniaes nem a extensão da ciencia conhecida pelos sacerdotes. O iniciado tinha acesso aos mais altos cargos, podia levar uma existencia de no-toriedade, ás vezes de espirito contrario á doutrina rece-bida, porem jamais delatava o que tinha visto e ouvido dentro dos templos arcaicos.

Desta forma, o que sabemos é pouco mas a compen-sação se dá em nosso entendimento quando pensamos na formidavel resistencia que esse culto misterioso opoz á religião luminosa e atraente do Olimpo, com seus Deuses faceis e brilhantes, com todos os atrativos da inteligencia e da materia.

A localização geografica desses cultos estava, nos tempos historicos, circumscriita a Samotracia com os Ca-

biros, a Rodas com os Telquinos e a Créta com os Dactilos, os Curetes e os Coribantes.

Os Cabiros em Samotracia eram tidos como filhos de Vulcano, possivelmente porque foram os mais antigos trabalhadores em ferro, cujas minas existiam na ilha. Tinham festas de iniciação terríveis. Sabia-se que o iniciado, vencidas as provas, vestia-se magnificamente, sentava-se num trono rodeado de luzes, cingia a purpura e era coroado de oliveira, assistindo então as dansas sagradas e ouvindo o segredo da crença dos Cabiros, talvez apenas narrativas sobre astronomia ou a formação do mundo. Eram os mais celebres da antiguidade. Deuses e guerreiros afamados tinham solicitado iniciação entre eles. Cadmo, o fundador de Tebas, Orfeu, Hercules, Castor e Polux, Ulisses rei de Itaca, Agamenon, Enéas pertenceram aos Cabiros. Felipe da Macedonia não iniciou suas campanhas sem pedir e receber a iniciação arcaica em Samotracia.

Os mestres ensinam que a crença cabirica é de origem egípcia, pois em Menfis havia um templo cabirio. Outros dizem ter vindo da Frigia, na Asia, famosa região pelas religiões misteriosas, eivadas de superstições e danças, cheias de adivinhações e profecias, terra que daria a Roma as suas melhores feiticeiras e encantadoras. Os Cabiros eram anteriores aos cultos de Plutão e Mercurio. Eram anteriores á vinda dos Pelasgos, pois estes levaram seus ritos para Atenas. Lico, nascido em Atenas onde aprendera a ciencia dos Cabiros, levou-a para Tebas quando se tornou rei da Messenia. Eneas levou-a para a Italia onde a estabeleceu em Alba-a-Longa. Roma teve três altares elevados em sua honra, invocados nas horas de tempestade, de infortunios domesticos e nos funerais. Mas nunca chamavam nominalmente. Diziam apenas "Deuses poderosos" ou "Deuses associados". (P. Commelin. Mitologia Greco-Romana).

Os Telquinos de Rodas tambem trabalhavam no ferro e tinham festas noturnas. Eram filhos do sol e de Minerva. Os Dactilos, Curetes e Coribantes tinham o culto de Cibele (a Terra), embora muitos julguem sua existen-

cia anterior ao estabelecimento das cerimônias. Como quer que seja, todos esses misteriosos homens tinham u'a meia identidade religiosa, trabalhavam a metalurgia e cercavam sua ciência de um aparato sinistro de atos tradicionais que a tornavam desejada por todos.

Os povos apontados como povoadores da Grecia encontram esses Cabiros, esses Telquinos, esses Caretes, com suas forjas, seus mitos, suas cerimônias, suas lendas, em Samotracia, Rodas e Creta.

Ante eles não é possível a palavra da ciência atual. Que raça é a sua? Qual a trajetória de sua viagem até as ilhas onde se estabeleceram? Onde aprenderam a arte de forjar o ferro, que ensinaram a Baco para que este a levasse a própria Grecia?

Quando os Pelasgos aparecem, os mesmos Pelasgos que a historia aponta como os mais prováveis povoadores da Grecia pré-helênica, já os Cabiros têm uma industria, uma administração, uma hierarquia sacerdotal, um corpo de doutrina, uma explicação cosmogônica, uma tradição de trabalho, de ordem e de dignidade humanas.

Ora, os Pelasgos foram, segundo a lenda, apenas os transmissores de certos pormenores técnicos dos Cabiros á Grecia continental. E "pelasgio" quer dizer antigo... Que significará, pois, cabiro?...

Sabemos que Cabiros, Telquinos, Curetes, Coribantes, Dactilos, tinham o culto das forças cósmicas, das grandes primitivas. Adoravam justamente os Deuses pré-olímpicos, a Terra, o Sol, o Dia, o Caus, o Eter, a Noite, emfim as geneses, os princípios, as fontes divinas. Cibele, Vesta ou Hestia, Vulcano, Helio, eram os nunes principais. São os Deuses do trabalho, do fogo, da luz, do esforço. O traço comum é Cibele, ou mesmo puramente Telus, a Terra-Mãe. Daí venha talvez a crença grega de sua autoctonicidade.

Para avigorar essa tradição, os Gregos divulgaram as lendas de Prometeu, deus perfeitamente humano e tão amante dos homens que furtou uma centelha do fogo divino para presentear-la aos terrestres. Seu filho, Deucalião, é o formador da gens grega.

Deucalião, filho de Prometeu, casou com Pirra, filha de seu tio paterno Epimeteu, e morou longo tempo na Cítia, terra selvagem e triste, para onde seu pai o desterrara. Abandonando a Cítia, Deucalião veio para Tessalia, perto do Parnaso. Reinava aí, quando no ano 2490 da formação do mundo, Jupiter, irritado pela malícia dos homens, deliberou afogar o genero humano.

Deucalião e Pirra eram o casal mais justo e foram avisados da vinda do dilúvio. Fizeram um barco, e o unico casal humano nele navegou enquanto as aguas cobriam a face da terra. Baixadas as torrentes, Deucalião consultou a deusa Temis — a Justiça — que dava oraculos no monte Parnaso, visinhanças do reino do Noé grego. Temis mandou-os velar o rosto, desprender o cinto e atirar para traz os ossos da avó. Deucalião e Pirra não queriam cometer o sacrilegio de espalhar os ossos venerandos, mas atinaram que sendo a Terra a mãe-comum de sua raça, mãe de seus pais, era forçosamente sua avó e os ossos seriam as pedras. Apanhando-as em certa quantidade, Deucalião e Pirra cumpriram as instruções de Temis. As pedras atiradas pelo Homem tornavam-se homens, e as lançadas pela Mulher, mulheres. A terra grega ficou repovoada.

A simbologia desse apologo é transparente para que possa ser explicada. Os gregos nasceram dos ossos da avó de Deucalião, pedras da terra, mãe universal. São, alem de filhos de deuses, autoctones.

A ascendencia dos gregos foi tida como segura, entroncando em Prometeu por Deucalião e Pirra. Estes tiveram dois filhos: — Anfictião e Heleno. Anfictião recebeu o Oriente como sua parte na legitima paterna e fundou o Conselho Anfictionico, liga de doze cidades que se confederaram para manter um grande templo comum e se reuniam de dois em dois anos para deliberar sobre os assuntos coletivos. Heleno teve tres filhos: — Dorus, Xutos e Eolos (Aeolos).

Impossivel uma sistematisação historica para essas fases sem historia e pontos de referencia. Cesar Cantú ensina de forma diversa, quanto ao estabelecimento do Deu-

calião em Tessalia, ou melhor, na Fitiôtis, depois do dilúvio. Assim escreve o sábio historiador: —

“Depois da catastrophe o Noé helenico estabeleceu-se na Tessalia, na parte deste paiz chamada Fitiôtis (Cantú escreve Phthiôtis), donde se diz que expulsou os Pelasgios, sendo auxiliado na empresa pelos léleges e curetes. De Deucalion nasceram Heleno e Anfictião, e uma filha Protogenia, que por obra de Zeus deu á luz Aethlios. Heleno teve dos seus amores com uma ninfa treis descendentes: Dorus, Xutos e Eolos, pelos quais repartiu o territorio da Grecia em que dominava. A Eolo coube a Tessalia, a Xutos o Peloponeso, a Dorus a região fronteira a esta península, na costa septentrional do golfo de Corinto. Xutos desposou Creusa, da qual nasceram Aqueos e Ion. E estes chefes miticos, bem como Eolus e Dorus, deram nome aos habitantes dos paizes em que dominaram: aos aeolicos, achaeos, dorios e jonios, os quatro celebres ramos da familia helenica”.

Não creio que os gregos quizessem dar a essa genealogia outra significação diversa da logica. Os historiadores tentam explicar que tal parentesco denunciava a primeira reunião fraternal dos homens helenicos (Grote, in C. Cantú) ou, em sua distribuição territorial, as instituições que eles veneravam coletivamente. (idem). Creio, entretanto, que essa maneira de deduzir é contemporanea. Os gregos durante seculos, por orgulho de posição social e respeito religioso, e depois por efeito poetico, mantinham a tradição, crentes de uma vaga e tenue verdade. Existe a quasi unanimidade dos historiadores coevos, afirmando uns a ancestralidade divina, outros a autoctonicidade que lhes dava foros de raça superior.

Pausanias e Asius de Samos são pela autoctonicidade grega. No mesmo sentido manifesta-se Justino que, re-

sumindo a Historia Universal de Trogo Pompeo, escritor do tempo do imperador Tiberio, disse: —

“son illustration remonte à son berceau; son peuple n'est issu ni de colonies étrangères, ni d'un ramas obscur d'aventuriers: enfants de la terre qu'ils habitent, les Athéniens sont nés sur le sol qui les nourrit. Les premiers ils enseignèrent aux mortels l'usage de la laine, de l'huile et du vin: ils instruisirent même ces sauvages, qui vivaient de gland, à semer et à labourer la terre.”

Podemos afirmar que a crença grega da autoctonicidade foi depois de certo tempo, apenas uma arma de civilização, um argumento para estimular e propagar as manifestações da intelligencia grega pelas ilhas do Mediterraneo, orla asiatica, e manter o espirito de superioridade quando das jornadas maritimas para a creação de colonias na peninsula italica.

Historicamente podemos deduzir que, despidas das ornamentações mitologicas, as lendas gregas indicam movimentos emigratorios, assimilações etnicas e adaptações de familias nas regiões que foram sendo povoadas e conquistadas á barbarie ou ao deserto.

O aparecimento dos Pelasgios não diminui a obscuridade do problema da Grecia pré-helenica. Antes sintetisa as dificuldades que rompem a cada pagina nos livros mais eruditos.

Podemos afirmar que o Pelasgio foi o povoador primitivo da Grecia? Certamente não. Existem milhares de testemunhos inapelaveis nas *fouilles* realizadas no continente e nas ilhas do mar Jonico, mar Tracio, Egeo e Creta. São monumentos funebres, restos imponentes de palacios de Reis, vestigios de estradas, tipos de salas para reuniões de onde certamente partiu a idéa do *megaron* grego dos tempos homericos, joias, enfeites femininos, colunas, altos relevos, armas, utensilios domesticos, desenhos murais representando cenas de caça e de dança ritual, atestados flagrantes de uma civilização apreciavel e em estado de evolução artistica. Certos objetos apresentam cuidados que a Arte empresta aos povos de adiantamento intelectual consideravel.

Não se deverá diser afoitamente que as *fouilles* revelam uma unidade artistica no material encontrado nos diversos lugares do mundo grego. Tão pouco ousar-se-á fazer uma divisão de epocas, periodos ou fâses, como pertencentes á mesma força creadora, em varios estagios. O que se encontrou, e se está encontrando cada ano, é uma diversidade de formas artisticas seguindo uma certa evolução em determinadas partes ou retrogradando noutras. A dedução imediata é que varias civilizações surgiram naquelas terras privilegiadas e se sucederam, submergidas ou incorporadas ao patrimonio doutras que, trazidas pelas raças vitoriosas, impuzeram seu jugo ou se submeteram

á sua evidencia, recebendo a indisfarçavel influencia dum estado superior.

Para a maioria dos historiadores didaticos, inclusive os brasileiros Gastão Ruch, Joaquim Silva, etc., uma divisão foi aceita como mais facil para aclarar a materia controvertidissima.

“Estudos recentes vieram projetar luz sobre a pre-historia da Grecia, averiguando-se que antes da chamada epoca de Homero, duas civilizações, a egeana e a miceneana, floresceram na Helade, particularmente na parte insular.”

Gastão Ruch. (“Historia Geral da Civilização”. Parte 1.º)

Tivemos uma civilização egeana e uma miceneana anteriores á fase pelagica? De que forma se revestiram essas civilizações?

A egeana pede ao mar Egeu o batismo de sua localização. A ilha de Creta, ou Candia, resume sua historia que noites de misterio ainda escurecem. As escavações de 1900 em Creta, fizeram reaparecer á luz do sol todo um mundo que dormia ignorado nas entranhas da terra. Ao edificio maior, circulado de corredores, cheio de salas, ante-camaras e aposentos decorados, deram o nome de um Rei. Só podia ter pertencido a um soberano e este fora Minos, dono do palacio de Cnossos, lendario rei de Creta.

O palacio de Cnossos na Creta é um documento architectural impressionante. A solidez de suas paredes, a elegancia massiva de suas colunas que sustentam tectos revestidos de tijolaria com relevos em arabescos, as volutas nas cimalthas das colunas lembrando a severidade do tipo dorico; os bancos, arquitraves, banheiras, um admiravel sistema de esgoto para as aguas servidas do edificio e trazida de agua fresca; os incensorios, as cenas pintadas nas paredes, com jogos de conjunto e procissões sacras; as porcelanas tipo faiança, com ornamentação geometrica, a delicadeza das linhas que os menores instrumentos de uso domestico apresentam, demonstram uma civilização

vencedora e apta a fornecer aos homens todo o conforto que a Arte e a pratica podem realizar conjugadas.

A civilização egenea conhecia e empregava largamente os metais. Trabalhava-se o ouro nas joias, o cobre e o bronze para armas e utensilios de serviço. As armas eram bem simples: O escudo e um pequeno punhal triangular constituíam as características belicas. A ourivesaria, os mosaicos, a ceramica eram trabalhos superiores pela sobriedade e justeza do traço e da cor. A porcelana azul-branca inda hoje é uma delicia visual. A civilização egeana aproveitava a natureza como elemento pictorial, prova de inteligencia avançada, e isto vemos nos vasos, pratos e tijolos aporcelanados onde os motivos são algas marinhas, polvos, estrelas do mar, ramos de coral, barbatanas de peixes, flores, galhos de palma, cactus, etc.

O lado religioso não foi suficientemente esclarecido. Pela assiduidade de certas figuras nos desenhos, e outros materiais encontrados em Creta, dizem que os idolos eram uma mulher, simbolizando a fecundidade, e um outro representando um touro. (Joaquim Silva. "Historia da Civilização". 2.^a serie.)

Essa mulher, que reúne os artistas da fecundidade, é idolo asiatico possivelmente. Talvez o mesmo de que os Gregos fizeram Cibele, ou melhor Telus, ou ainda, a terra. O touro quer dizer muito do passado cretense. E Minos, o rei cretense, senhor de tanta riqueza?

As tradições gregas abundam a seu respeito. Minos era filho de Licaste e neto de Minos, juiz dos Infernos, o fundador de Cnossos. Rei de Creta, sobrepujou os vizinhos e tornou-se o mais poderoso soberano das cercanias. Como dois irmãos seus disputaram-lhe a corôa, Minos pediu que Netuno, o deus do mar, lhe desse uma prova bastante da sua simpatia. Netuno fez sair das ondas um touro de beleza maravilhosa de uma alvura incrível. Um filho de Minos, o atleta Androgeu, foi a Atenas assistir as festas Panatenéas, e obteve todos os premios. Os vencidos, moços de Megara e Atenas, mataram-no. Minos sitiou e se apoderou de Atenas e de Megara, e impoz o famoso tributo das sete moças e dos sete rapazes que de-

veriam ser enviados a Creta cada sete anos. Dedalo, discípulo do deus Mercurio, era o inventor da machadinha, da pua, do nível, do remo, extraordinario architecto e inventor miraculoso, que, tendo feito um assassinato em Atenas, fugiu para Creta onde se homiziou. Aí construiu o Labirinto, uma serie de corredores que se entrecrusavam de tal forma que, uma vez lá entrando, ninguem acertava com a porta unica de saída. Aí morava o Minotauro, o Touro sagrado, devorador dos rapazes e das raparigas mandados pelos Atenienses. Teseu, heroi ateniense, foi a Creta livrar sua patrja do tributo hediondo. Conseguindo que Ariadne, filha de Minos, apaixonada por ele, o auxiliasse, recebeu um novelo de fio e desta maneira não se perdeu no labirinto. Ofereceu combate ao Minotauro, que os gregos representavam como um homem com a cabeça de touro, e fugiu para a Grecia, levando Ariadne que abandonou em Naxos, onde Baco a encontrou e casou com ela. O rei Minos, perseguindo Dedalo que, preso no labirinto, fugira com azas de cera feitas na prisão, morreu na Sicilia onde o rei Cocalo o asfixiou num banho. O corpo, enterrado na Sicilia, foi posteriormente conduzido para Creta.

O Touro, o Minotauro grego, morador do labirinto e idolo dos cretenses, era uma reminiscencia do culto maritimo de Netuno, padroeiro da navegação. Netuno, quando se apaixonava, recorria ás transformações. Com Ifiomedea mudou-se em rio; para Bisaltis em carneiro; com Medusa num passaro; com Melanto num delfim; para enganar a deusa Ceres mudou-se num cavalo, que lhe ficou votado tambem, e na conquista da filha de Eolo, Netuno tomou a forma de um touro branco, animal votivo ao seu culto desde essa facanha.

Aceito, entretanto, uma explicação diversa. E' a do rapto de Europa. Agenor, filho de Poseidon (Netuno) e da oceanide Libia, era rei da Fenicia. Teve uma filha, Europa, e três filhos; Cadmo, Fenix e Cilix. Europa era bellissima e sua fama despertou o desejo de Jupiter, que tomou a forma de um touro que, se aproximando da princeza, se deixou engrinaldar por ela e serviu-se de ervas em

sua mão. Montado por Europa que admirava a mansidão do animal, este disparou veloz pelas praias, atirou-se ao mar e nadando foi até a ilha de Creta, pela embocadura do rio Letes. Desse extranho conubio nasceram Minos, avô do rei da Creta e dono de Cnossos, Radamanto e Sarpedon. Os dois primeiros foram juizes do Inferno e o terceiro, querendo usurpar o trono do irmão mais velho, foi obrigado a retirar-se para a Asia Menor, onde fundou uma colonia. Está assim evidenciado que o Touro venerado em Creta podia ser, perfeitamente, uma homenagem a Poseidon, deus do mar, e a Jupiter, fundador da familia real de Minos. Um irmão da raptada Europa, Cadmo, é o fundador de Tebas na Beocia.

O Touro cretense, todavia, nunca o foi verdadeiramente e sim um almirante de nome Tauros, prestigioso soldado que avassalou a ilha e dirigia, onipotentemente, os destinos militares e até domesticos do reino.

Saindo das lendas, sabemos que Minos foi, durante toda uma epoca, o dominador do mar. Possuiu uma armada consideravel com que desfrutou o comercio das ilhas e o do continente asiatico e litoral grego. Não somente a função commercial estava nos planos economicos do rei Minos como tambem a expansão colonizadora. Ele distendeu sua jurisdicção politica até as Cycladas. Tucidides escreveu: —

“... Minos est celui qui eut le plus anciennement une marine. Il fut maître longtemps de la mer appelée aujourd’hui Hellénique; il domina sur les Cyclades, et forma le premier des établissements dans la plupart de ces îles, apres en avoir chassé les Cariens; il en donna le gouvernement à ses fils, et les purgea sans doute autant qu’il put, de pirates, pour s’en mieux assurer les revenus.” (“Historia” Livro 1.º, IV).

A fisionomia da civilização egeana é um mixto de colonização militar-comercial e materialmente pouco recorda a Asia tão proxima. Certos detalhes do palacio de Minos em Cnossos lembram mais os egipcios, mas a linha geral o distancia perfeitamente da architectura faraônica. A ci-

vilização egeana inda não pode ser inteiramente caracterizada, porque as escavações continuam, e o material existente, se dá para coloca-la como original e apreciavel em muitos aspectos, não pode sofrer um estudo de conjunto, sem que uma provavel descoberta viesse talvez negar a justiça do juizo feito.

A civilização miceneana é diversa. O que dela nos resta testifica um povo de trabalho material ousado, erguendo palacios gigantescos, revolvendo massas formidaveis de pedras toscas, equilibrando toneladas de granito para fazer um recinto militar, gravando rude e magnificamente, não as flores e as algas da porcelana cretense, mas o vulto selvagem de grandes leões heraldicos na curva dos portões feitos para a recepção de um deus barbaro. A decoração dos muros (in G. Ducoudray. "Histoire et Civilisation le l'Orient et de la Grece") mostra apenas um espirito ornamental cuidado mas pobre de imaginação. Nada de delicadesa, de vermiculuras e arabescos que enfestonam a sala de banhos do faustoso Minos em Cnossos. Nos muros miceneanos existe, duramente, uma decoração feita por mãos habéis mas demasiado fortes para que sejam belas. São rosaceas ovoides que um listrão, especie de bracelete, estrangula. As palmas derredor são cavadas geometricamente, com uma precisão magistral e melancolica. Os instrumentos deparados nas pesquisas archeologicas, proclamam a era miceneana como o esplendor do periodo do bronze na Grecia. Existe tambem uma confusão ampla entre os homens da epoca miceneana e os pelasgios. Gastão Ruch escreve: —

"Mais tarde aqueles que deviam ser os antepassados dos gregos deceram da região visinha do golfo de Janina, onde se haviam conservado por muito tempo, em direção para o Sul entrando em contacto com os Asiaticos. Irradiaram, portanto, da Tessalia esses gregos primitivos a quem se dá o nome de Pelasgios e de sua fusão com os que aí os haviam precedido resultou um povo cuja evolução atesta o proveito que soube tirar das civilizações mais an-

tigas como os Egipcios e Asiaticos, com que entreteve relações, sem que todavia deixasse de acusar feição original.”

Para mim, o periodo miceneano é o mesmo pelasgico. G. F. Herzberg (“Historia da Grecia e Roma”, in coleção G. Oncken) não admite a variedade ethnica e para ele as denominações servem apenas para rotular os periodos: —

“... adotamos antes que, como regra geral, não reconheço differença ethnografica essencial e profunda entre pelasgos, aqueos e helenos. E’ opinião nossa que, em vez de falarmos em pelasgos, aqueos e helenos, deviamos antes falar em gregos nos periodos a que podemos chamar pelasgo, aqueu e helenico”.

Esta opinião tem o merito exclusivo de ser pessoal. E’ obvio que diversas raças povoaram a Grecia insular e continental, e cada uma trouxe seu contingente meritorio de sangue, intelligencia, habitos domesticos e religiosos. Aceitar a unidade racial como quer Herzberg, seria arredar das cogitações uma prova testemunhal por demais abundante e solida para que possa ser posta fora de julgamento.

As ruinas de Micenas mostram a fortaleza fisica de uma raça que não teve semelhantes nos periodos outros da historia grega. A explicação daquelle trabalho digno de gigantes foi dada como tendo sido dos Ciclopes. Só eles poderiam erguer em Micenas e em Tirento construções que desafiaram o tempo, a guerra e a devastação dos ignorantes. Eles tinham forjado o tridente para Netuno, o capacete para Plutão e o raio para Jupiter. Os muros de Micenas atestam sua força brutal, sua arrogancia fisica, sua inacreditavel resistencia muscular. Os gregos apontavam os Ciclopes como autores de Micenas e Tirento, sem que isso constituisse uma homenagem.

Um genial assimilador da Historia grega, M. Prevost-Paradol, (“Essai sur L’Histoire Universelle”) resume em linhas brilhantes as pegadas dos pelasgicos: —

La race qui a laissé en Grece les traces les plus antiques de son passage et de sa domination, est celle des Pélasges, race d'origine inconnue, qui, descendue du Nord dans la Grece et dans l'Italie, fut partout persécutée et chassée par des tribus guerrieres. De la Thrace et de la Macédoine, les Pélasges se répandirent dans toute la Grèce, jusqu'aux extrémités du Peloponèse. Des textes d'Hérodote attestent leur passage en Thessalie, en Attique, en Béotie. Des constructions gigantesques ont marqué leur séjour à Mycenes, à Argos et surtout à Tirynthe. Ces amas de pierres énormes, que les races helléniques ne se souvinrent point d'avoir élevés et qu'ils attribuerent à une génération de géants, indiquent que ces tribus pélasgiques avaient apporté de l'Orient ces mœurs laborieuses et patientes qui ont couvert de monuments semblables l'Inde et l'Égypte."

Os vestígios dos Pelasgios são vastos. Elles não se circunscrevem num âmbito relativamente restrito como os cretenses. Elles se espalham nas ilhas e no continente como para um domínio eterno. Sua edificação denuncia-lhes o sangue asiático, o gosto asiático, a mania asiática do monstruoso como sinónimo do artístico, e o agigantado como substituto do imponente. Seus traços inconfundíveis riscam as ilhas de Creta, Eubéa, Rodes, Lenmos, Imbros, Lesbos, Círos, Samos, Quios.

Crozals ("Histoire de la Civilisation". Tome-1.º.) diz, anotando o caminho da vinda pelásgica: —

"Le système qui représente les Pélasges arrivant d'Asie à travers la mer Égée, et descendant sur les bords du golfe Pagasique pour couvrir l'Eubée, la Béotie, la Phocide, a pour lui toute vraisemblance."

A vinda dos pelasgios em que época se deu? Que grau de civilização desfrutavam? Não era certamente refinada.

como a egeana. A. Jardé ("La formation du Peuple Grec") crê que os pelasgios receberam dos cretenses lições e dados tecnicos: —

"C'est des Egéo-Crétois que les Pélasges reçurent les premiers éléments d'une civilisation supérieure".

Étaient-ils de même race? Parlaient-ils les dialectes d'une même langue? Nous l'ignorons, si bien qu'il nous est impossible de dire des survivances des temps préhelléniques que nous rencontrons dans la Grece classique si elles sont "pélasgiques" ou "crétoises".

Jardé procura saber a origem pelasgica. Os gregos chamavam-nos simplesmente "os antigos". Para o culto professor de Lakanal o pelasgio falava um idioma não indo-europeu mas possivelmente aquele que já nos tempos classicos sobrevivia em certos pontos do mundo egeano, na ilha de Lenmos por exemplo. Para designar a cidadela, a cidade-forte, o Pelasgio dizia *Larissa*, nome espalhado na Grecia da Europa e da Asia. *Larissa* é vocabulo pelasgio. Jardé julga que o pelasgio tenha sido originariamente um ramo dos Pélagons e parentes dos Péonianos e dos Frigios. Mas salpica tudo de interrogações desnorteadoras para quem deseja um rumo certo.

C. Raffy ("Répétitions écrites d'Histoire Universelle") ensina singularmente que os sacerdotes dos pelasgios eram os Telquinos que ofereciam vitimas humanas a Saturno, e tiveram habitos mais civilizados graças ao contacto com os orientais, egipcios, fenicios, frigios, arrivés on ne sait à quelle époque.

Herzberg, felizmente, ensina diferente. Para o professor alemão os pelasgios tinham como base de culto as forças naturais, forma vaga para um sabio, sabido ser este o culto inicial de todas as raças, povos e tribus. Mas Herzberg diz particularizando, que os deuses eram Zeus (?) Dione, deusa da terra que foi substituida por Hera (?), Demeter, a mãe da terra, Hestia, Hermes, Poseidon e, finalmente, a divindade oriental Aidones ou Hades, o Plutão

grego. Não nos diz o sabio teuto em que fonte hauriu esses conhecimentos. Apenas á força de dedução, ou potencia auto-creadora dum sistema inteiro de teogonia improvada? Que esses nomes correspondem aos que depois se tornaram deuses no Olimpo grego é o que simplesmente o professor Herzberg devia afirmar. O resto é apenas devaneio, *ou* reste *rêveur*, como disse Jardé assombrado com as descrições do aspecto fisico dos pelagios, cousa inteiramente impossivel e entretanto facilmente encontrada em certos livros pedagogicos.

Durante a expansão pelagica o fato capital para a formação do que Ernesto Renan dizia ser o *milagre grego*, foi incontestavelmente o intercambio comercial asiatico e a possivel fundação de colonias na terra que se diria he-lenica. E' provavel que apenas o orgulho do grego conservasse lendas dando-se como detentor de uma civilização esplendida na epoca em que dominava Creta, a Creta admiravel do rei Minos. Basta lembrar que o vencedor do Minotauro cretense foi o heroi Teseu, decimo rei de Atenas e filho de Egeu que deu o nome ao mar. Os gregos eram incapazes de dar a sua civilização como um amalgama de raças e de conhecimentos carreados da Africa e da Asia. Queriam-na brotada da terra ou presenteada por uma Deusa, a sabia, a illustre, mãe da sabedoria, Minerva, a Pallas Atenas, protetora da Acropole e egide da patria. Eis porque cada movimento estrangeiro na Grecia corresponde a uma lenda que o vincula a heroi nativo, desvirtuando o impulso colonizador asiatico, que contava seculos de sabedoria quando a Grecia era um campo habitado por tribus vagas e sem costumes definidos.

Sobre os pelagios, as lendas tornaram-nos imediatamente gregos e sujeitos ao espirito grego. Pelasgo, o fundador da raça, é o pai de Licos ou Licaon, rei da Arcadia, o mesmo que leva para Tebas a ciencia dos Cabiros onde se iniciara. Larissa é apenas uma filha de Pelasgo. Na "Iliada" Homero descreve os Pelagios como aliados de Troia. Seus chefes são Hipotus e Pilaeus, filhos de Letus e netos de Teutamos. Homero individualisava nesta afirmativa o ramo pelagico estabelecido na Asia Menor.

Mas se podemos falar sobre uma civilização miceneana, não ousamos fazer o mesmo sobre uma raça pelasgica. Mesmo aceitando as conclusões arqueológicas que dividem a era de Micenas em varios periodos de maior e menor perfeição, distariamos imenso da verdade se pretendessemos acompanhar esse povo construtor, que deixa rastros mas não indica a pista exata de sua migração e concomitante pousada nas terras que depois se disseram helenicas.

Niebuhr (apud Cesar Cantú) distende o *habitat* pelasgico desde o Arno e o Pó na Italia, até o Bosforo, sendo seus estabelecimentos apenas interrompidos na Tracia. "As ilhas septentrionais do mar Egéo ligavam a cadeia que prendia os Tirrenios da Asia aos Pelasgios da Argolida". Para Niebuhr os enotrios, morgetes, siculos, tirrenios, peucetes, liburnios, venetos do continente italiano, os elimos da Sicilia, os peonios ou panonios das margens do Danubio, os teucros e os dardanos (de onde saiu Dardano que fundou Troia) são todos Pelasgios.

Não mais será possível indicar os limites da expansão pelasgica segundo a simpatia de certos historiadores para com eles. Vão a meio-mundo e suas povoações se espalham por uma vastidão desmarcada que ia da Italia á Turquia, compreendendo parte enorme dos Balkans.

O que de positivo se sabe é que o pelasgico ocupou a terra grega em suas regiões historicas. A propria Tessalia, reino de Deucalião, o patriarca helenico, foi chamada por Homero a "planicie pelasgica", *pelasgikon argos*. O atual golfo de Volo era o golfo pelasgico. Os mais antigos reinos eram tidos como realizações pelasgicas. Argos, Siquion, saíram deles assim como as dinastias reais de Tebas, Tessalia, Arcadia, Tirinto, Licosura. A Samotracia era feudo seu e os Cabiros homens de sua raça, sacerdotes de seu culto e senhores de seus segredos metalurgicos e religiosos.

A influencia pelasgica é infinita e cada vez mais se torna ampla na proporção que os trabalhos pacientes desenterram os documentos do passado remotissimo. Cesar

Cantú, apesar das fortes restrições que opunha aos pelásgicos, faz-lhes justiça:

“Através dos veus da fabula percebem-se os beneficios que a Grecia lhes deveu. Os flancos do Olympo, do Pindo, do Helikon, residencias dos pelásgicos, haviam sido, segundo a tradição grega, o berço da religião, da philosophia, da musica, da poesia; nas margens do Peneos apascentára Apollo os seus rebanhos e Orpheus domara as bestas feras; na Bæocia Amphion levantára cidades dedilhando na lyra, isto é, empregára as belas artes como meio de propaganda civilizadora, o que déra á Grecia o character que ela conservou sempre.

Olên, Thamyris, Linus vindos dessas regiões, despertaram com seus canticos os sentimentos religiosos, celebraram a primeira expedição dos helenos, moveram estes a renunciarem aos sacrificios humanos, instituiram cerimoniaes religiosas, proclamaram idéas superiores aos interesses materiais e foram mais uteis á civilização do que as colonias procedentes do sul”.

Suas cerimoniaes religiosas continuam envoltas em silencio. Havia entre elles a crença das profecias, os oráculos divinos por intermedio de uma voz humana, uma ave (pomba) ou vegetais, como os carvalhos no bosque de Dodona que annunciavam o futuro. Quando Jasão construiu o “Argos” para a conquista do veloccino de ouro, consultou os carvalhos de Dodona e levou um pedaço deles, esculpido como figura de prôa no bico da náu. Seu centro religioso era Samotracia, onde os Cabiros possuíam segredos e industrias que só transmitiam mediante cerimoniaes sagradas. O Hermes itifalico é desta época, assim como as divinizações do fogo domestico, Hestia ou Vesta, as Carites (Graças), Herê, Juno e os Dioscuros. As duas divisões essenciaes, no ponto de vista religioso, eram os pelásgicos-

tirrenios, fundadores dos misterios de Samotracia (Cabiros) e que levaram o culto para Roma e para as colonias que fundavam. Em Roma são os autores da crença nos "Dii Consentes" ou "Dii Complices" o segundo ramo, os pelasgios italianos, isto é, os etruscos.

Para a ciencia pesquisadora dos nossos dias, os pelasgios pertenciam a uma grande familia caucasica que se espalhou numa grande parte da Asia Menor, nas ilhas do arquipelago (Lemos, Imbros, Samos, Créta, Eubéa, etc), em toda a Grecia e numa parte da Italia (Cantú, Evans, Shelling, Otto Muller).

De como se fizeram na terra grega, Cantú faz um resumo, embora discordando das afirmativas que, em fins do seculo XIX, faziam os historiadores mais conspicios:

Não encontraram a Grecia deserta, antes tiveram que lutar com os seus habitantes primitivos, nos quais se incluíam os leléges, que alguns autores identificam com os kurétes, e dos quais se diz que eram ramos os aonios e os hyantes. Os leléges habitavam no Akarnania e na Aetolia e empregavam-se no commercio: vencidos pelos pelasgios estabeleceram-se em Kreta uns, na Laconia outros. Já então estavam constituídos muitos Estados, tais como a Attica organizada por Ogygês, Mykênæ e Sparta, Tegea na Arkadia e Tarsos na Cilicia. A Argolida obedecia a uma familia grega quando Inachos conduziu os pelasgios á península, que se chamou Apia, como um dos chefes dos invasores, e que depois tomou o nome de Peloponeso. Cêrca de 1900 a C, os pelasgios ocupavam todo o territorio europeu desde o Arno até o Bosphoro: depois, assim como as ilhas do Mediterraneo surgiam talvez das ondas como cumes isolados, quando o resto do paiz estava submergido, assim os pelasgios, em resultados de novas invasões de povos, ficaram formando apenas colonias separadas e dispersas."

De que os pelasgios puderam manter uma certa unidade idiomática, resta a prova da asserção de Homero que ainda encontrou os habitantes da Plaquia, de Silaquê, Creston, etc., falando uma mesma lingua e esta diferente das visinhas, embora não diga que o vocabulario empregado por essa gente fosse pelasgico.

Os helenistas, numa maioria consideravel, declaram que os Deuses gregos vieram de Dodona para a Tessalia e daí se radiavam para toda parte.

A civilização que floresceu em Micenas e Tirinto, cidades características em sua arquitetura poderosa, era, entretanto, de feição pacifica, creadora de gaderia, dando-se muitissimo mais á pastoricia e á agricultura que ao trato das armas. Ficava quasi sempre na defensiva contra os piratas do mar, assaltadores das vilas litoraneas, preadores de mulheres e creanças, devastadores dos armazens de cereais, rapinando sem piedade tudo quanto encontravam. Os pelasgios, de habitos pouco guerreiros, foram cedendo passa aos invasores ousados que vinham, ora em familias, ora em grupos aguerridos, e se fixavam nos pontos mais accessiveis ao plantio e pastoreio ou simplesmente á construção de fortins para campanhas rapidas contra tal ou qual cidade, famosa por sua fartura ou pela belesa de suas mulheres. Os pelasgios não foram batidos em massa, em grandes batalhas successivas, como os Saxões sob Carlos Magno, ou os Gauleses com Julio Cesar. Foram submetidos, absorvidos, amalgamados nas populações adventicias, fusionados nos movimentos irresistiveis de migração asiatica e depois aquêa, sinonimo indisfarçavel dos Helenos nos tempos homericos.

J. de Crozals fixou, numa pagina de mestre, esse final dos pelasgios absorvidos e dispersos entre os helenos sobrevividos. ("Histoire de la Civilisation"). Como descreve o crepusculo pelasgico e sua immediata dissolução ethnica, convem a citação maior:

"La révolution qui substitua la domination des Hellènes à celle des Pélasges n'eut aucun de ces caracteres violents qui marquent la prise

de possession d'un pays par une race conquérante. Il ne paraît y avoir eu ni vainqueurs ni vaincus; la mémoire des Pélasges ne fut pas poursuivie par les Hellènes, et les deux peuples se continuèrent l'un l'autre, plutôt qu'ils ne se remplacèrent. Dans toutes les régions de la Grèce que leur situation mettait à l'abri des renouvellements rapides et fréquents de population, comme l'Arcadie et l'Attique, le fonds pélasgique se conserva intact plus longtemps."

.....

"L'époque pélasgique s'étend à l'arrière-plan, comme une vaste et morne solitude; Hellen et ses fils donnent l'impulsion; à leur arrivée, commence l'histoire."

III

O periodo miceneano multiplica as comunicações comerciais e, pela indole dos pelasgios, a fixação de familias e creação de colonias.

Cada uma dessas colonias era um nucleo irradiante para o espirito em formação da raça privilegiada que se esboçava naquele cadinho de povos varios.

As lendas gregas registam a vinda desses aventureiros, condutores de tribus, energeticos e confiantes na força impetuosa da gente que conduziam.

Cecrops traz os egipcios, funda Atenas e sua dinastia que finda em Codro. Danaus conduz outro bando egipcio e se estabelece em Argos, então ocupada pelos inachus. Os fenicios veem com o principe Cadmo e lançam os fundamentos de Tebas. Os lidios, guiados por Pelops, expulsam os descendentes de Hercules de suas terras e nelas residem, dando-lhes o nome que recorda o chefe-guia, Peloponeso. Vimos que os cretenses tiveram postos e vilas nas Ciclades. Uma colonia tracia é quasi obrigatorio ter existido, dada a influencia tracia, iniciada pela popularidade de Orfeu, cantor magico, companheiro dos argonautas e martir da fidelidade amorosa. A interdependencia mercantil de tantas cidades livres, de tantos reinos pequeninos, de tantas ligas militares, com os povos navegadores do Mediterraneo, ativou uma união racial, vezes fortuita, vezes demorada pelas necessidades de aliança contra inimigos maiores.

Todo o territorio que chamamos e conhecemos grego, estava povoado, visitado pelos traficantes de joias, pelos compradores de vinho, minerios e louça, atacado pelos piratas ou apenas ladrões visinhos que usavam a tatica infalivel de raptar mulheres para fundar uma sociedade ou

vende-las nos mercados da Asia Menor. Tudo isso sucedia no lento passar dos seculos, e inda não achamos fundamento ethnico ou historico para indicar a raça helenica, formadora de maravilhas na arte e no pensamento.

E, num periodo confuso e nebuloso, antes dessas colonias estrangeiras, contemporaneos aos cretenses, aliados aos pelasgios, outros povos não haviam demorado nas terras gregas e para elas trazido as achêgas de seu patrimonio religioso, social e guerreiro? E que raças extranhas foram essas que tiveram os nomes perdidos na escuridão da Historia e só resurgem nas tenuous referencias militares de cronistas coevos?

Os hititas pertencem a essa classe de povos esquecidos. Reunidos numa confederação de tribus, como Atila reuniu o seu exercito, os hititas vieram, como uma grande onda de fogo, vencendo, subjugando, dominando povos, cidades, paizes, matando reis e cegando principes. Mais de vinte anos combateram os egipcios. Suas lindes fronteiriças abrangiam o mar Egeu e Ponto Euxino (mar Negro), avassalando toda a Asia Menor e quasi limitando com a Fenicia, em plena Siria. 1500 anos antes de Cristo eram a mais assombrosa organização guerreira da Asia do norte. Sua capital, Hatusas ou Hetusas, media sete quilometros de muralha, contornando fortalezas, palacios e templos.

Conheciam armas de ferro que trabalhavam. Usavam ouro como ornamento, e sua visão juridica era curiosamente moderna. Desde a Trepisonda até arredores de Beirut, estendia-se o dominio heteu. Quasi todos os povos visinhos combatiam sob sua bandeira, como aliados ou vencidos. Quando o imperio hitita se desmoronou foi com a rapidez catastrophica das terras malditas de Deus. Até 1925 ignorava-se tudo de sua historia e feitos belicos. Apenas uma inscrição egipcia aludia ao encontro dum faraó com os hititas guerreiros.

Esses heteus tiveram comercio de amizade e de aliança com os povos formadores da gens-grega. Não é demais que se avance sobre a existencia de uma influencia religiosa. As crenças hititas eram simples, e naturalmente iam

para a deificação das forças cósmicas. Tesbú ou Tesput, deus sonoro, corresponderia ao Zeus fulminante dos gregos do período clássico. As tempestades, geadas, furacões, maremotos, eram outras tantas manifestações de sua cólera ou castigo. Não havia vítimas humanas para aplacar a fúria divina e os heteus veneravam a Terra sob várias invocações referentes aos atributos que ela tivesse. Era Mãe, a fecundadora, a doadora de viveres, o nume que trazia o bom-tempo das messes e a poda das vinhas.

Um ligeiro confronto com as divindades mais espalhadas entre os povos primitivos da Grécia pré-helênica, mostrará a perfeita identidade religiosa. Aí se vê Cibele que inicialmente fôra apenas Gaia, Telus, Ops como Isis egípcia, divindade pastoril e genesiaca, sumula das grandes produtoras da terra e do amor físico.

O contacto persistente que os antepassados gregos tiveram com os hititas ou heteus revela-se na citada inscrição grega que Jardé, com outros documentos, resume magistralmente no seu "Formação do Povo Grego". (Paris. 1923, dois anos antes das *fouilles* no vale do Halis e nos arredores de Bogaz Coei, onde se erguia outrora Hatusas, a capital hitita).

"Vers la fin du XV siècle, de nouveaux peuples apparaissent dans l'histoire, qui nous sont connues par les documents égyptiens. Les Pharaons qui repoussent les invasions lancées d'Asie par les Hittites, d'Afrique par les Libyens rencontrent dans les rangs de leurs adversaires ceux que les textes égyptiens appellent "les peuples de la mer" et les noms à travers la transcription égyptienne laissent reconnaître des peuples et des villes des temps classiques. Vers 1280, le roi hittite, qui combat Ransés II à Kadesh, a comme auxiliaires les Mysiens, les Dardaniens, les Lyciens, les gens de Gergis, de Pédasos, d'Ilion. A la fin du XIII siècle les Libyens qui attaquent Merenptah sont aidés des Lyciens, des Achéens, des gens de Tarse, de Sardes, de Sagalassos, et ce sont encore les mêmes peuples que, vers

1190, l'on retrouve, avec les Philistins, parmi les envahisseurs qui viennent, par terre et par mer, menacer l'E'gypte sous Ramsés III. Les "peuples de la mer" sont assurément les ancêtres des peuples classiques de Grece et d'Asie Mineure".

A orla asiatica estava militarmente representada nessas tropas possivelmente mercenarias que atacaram o secular reino africano. O intercambio entre hititas e gregos primitivos é de tal evidencia que dispensa comentario quanto ás suas naturais consequencias sociais e mesmo etnicas.

Outro povo que habitou a terra helenica foi o Cario. Com a Frigia, Misia, Lidia, a Caria era um dos quatro grandes reinos, inda florescente e original quando os Jonios fundaram colonias em suas praias.

Os carios vieram estabelecer-se nas Cícladas, de onde o rei cretense Minos os expulsou com fortes armadas. (Tucidide—"Historia" Livro 1.º IV). O sabio historiador e general ateniense registou ainda, em linhas seguras, o espetaculo dessas lutas milenarias de fenicios e carios contra gregos primitivos, e mesmo contra povos ribeirinhos ou insulares com aparelhagem belica mais propria. A pagina de Tucidide lembra que os carios não se davam exclusivamente á pirataria, mas colonizavam as terras conquistadas. Vamos encontrar a ilha de Delos quasi inteiramente povoada pelos carios. Mais da metade dos tumulos a eles pertenciam:

"Les insulaires n'étaient pas les moins adonnés à la piraterie. Tels étaient les Cariens et les Phéniciens; ils occupaient la plupart des îles. En voici la preuve: quand les Athéniens, dans la guerre actuelle, purifierent Délos, et qu'on enleva les tombeaux, on remarqua que plus de la moitié des morts dans cette île étaient des Cariens. On les reconnaissait à la forme de leurs armes ensevelies avec eux, et à la maniere dont ils enterrent encore aujourd'hui les morts. Mais quand Minos eut établi une marine, la navigation devint plus libre: il déporta les mal-

faiseurs qui occupaient les îles, et, dans la plupart, il envoya des colonies”.

Podemos quasi afirmar a unidade religiosa em todos esses povos. Variando quanto a detalhes litúrgicos, certos tipos divinos tiveram uma expansão geográfica dilatadíssima. Assim foi o culto etoniano sob multiplas invocações e aspectos materiais. Carios, Hititas, Frigios, Lídios, Tracios, tiveram no seu agiolario nacional a Deusa fecunda, a Mãe dos Viventes, sempre Cibele, a Terra-Mater. Foram seus sacerdotes todas as castas misteriosas dos Cabiros, Telquinos, Curetes, Coribantes, os Dactilos do monte Ida, os Semiviros, etc. Um animal que lhes foi destinado aos sacrificios propiciatorios era o touro, representadissimo nas gravações delicadas feitas nas gemas preciosas da Créta e da Ialisy.

As colonias egipcias deram á fisionomia grega que se formava o encanto perturbador dos misterios sagrados, das iniciações, dos ritos excusos á curiosidade publica, formulas bem compatíveis para uma nação dividida em castas, mas impossivel na Grecia que, bem cedo, teria a confederação de cidades livres e os seus soberanos eram heróis populares.

Cecrops de Sais, no Egipto, primeiro rei de Atenas, fundou esta cidade ou embelezou-a? Parece ter sido seu trabalho a Cecropia, cidadela tão ao geito da sua patria de origem. A unificação do credo religioso, com a divulgação de um Deus acima de todos os outros — Jupiter — não lembra o Hamom Rá egipciano? Dizem-no introdutor da agricultura, do plantio da oliveira desconhecida no paiz. A arte da navegação, a divisão dos burgos, as leis sobre matrimonio, tudo lhe era devido. Mas Cecrops desposou Agraule, filha de Anteu, e se vinculou á raça que dirigia.

Os gregos não demoraram em nacionalizar o alienigena. Em muitas de suas materializações artisticas figuravam-no com os pés em forma de serpente para expressar que era autoctone. Diziam, como prudente ressalva patriótica, que, antes da vinda de Cecrops, havia uma pequena cidade, Actê, fundamento de Atenas e que o egipcio

mente de principio, foram apenas os transportadores da mercadoria que suas colonias ou cidades aliadas forneciam. O rapto de mulheres, o roubo nos stocks de cereais, a pilhagem das vilas marítimas que Tucídide diz serem quasi desabrigadas, não constituíram material de menor importância para a intensificação comercial dos semitas, que, fazendo honra á tradição imemorial, só respeitavam a propriedade propria e nacional.

Os moluscos (buccin e conchilas) que davam a purpura, viviam nas costas da Eubéa e do Peloponeso, além de sua existencia em Fenicia, Sicilia, etc. Daí a necessidade de garantir a perpetuidade daquela extranha anilina que tão linda côr emprestava aos tecidos comprados ou furtados na Siria. Inda existia outra força para radicar o fenicio á Grecia: — era sua posição geografica. Servia de balizas e pontos de reabastecimento ás esquadras, quando iam ou voltavam da Propontida ou Ponto Euxino.

O mito de Cadmo, entretanto, merece um comentario mais delongado. Que quer dizer Cadmo? Vem de Cadm, oriente ou é uma contração de Cadmon, o antigo, o velho, o antepassado? Ou não seria um etimo grego, como o radical que entra no vocabulo eucadmos, de cosmos, o coordenador, o ordenador? Deixemos aos filologos os cuidados de aclarar o caos etimologico.

Cadmo é tido como fenicio por Herodoto mas Apolodoro dil-o da Libia ou mesmo egipcio. Diodoro da Sicilia ("Bibliothèque Historique". Liv 1.º XXIII) é explicito: — "Cadmus qui etait originaire de Thebas en Eyppte,..." A Tebas beocia era uma replica á Tebas egipcia das cem portas, fundada por Osiris, monumental e sagrada. O mito das viagens de Cadmo fora uma criação dos Cabiros de Samotracia. O numero dos que o julgam pelasgio é vasto e tem guias com autoridade de Otto Muller.

Crozals recorda que os fenicios acompanharam povos da Grecia primitiva em campanhas guerreiras contra os egipcios. Mas nunca perderam inteiramente o sestro das rapinagens violentas e dos assaltos traiçoeiros. Em Argos expuzeram mercadorias esplendidas num mercado que durou toda uma semana. Bruscamente fugiram para os

navios carregando as mulheres que confiadamente tinham vindo examinar os tecidos, joias e armas á venda.

O fenicio foi o mestre nautico para o grego maritimo. Com a multidão de ilhas e uma costa recortada, onde as abras e abicadouros abundavam, os gregos aprenderam os detalhes tecnicos para a fabricaçãõ de naus, escolha de madeiras apropriadas, os misterios da calafetagem, o regime disciplinar para os navegantes e mesmo o emprego de escravos, que as guerras forneciam, para o serviço horrivel do remo.

Tucidide escreveu que as populações maritimas acabaram aprendendo a arte da navegaçãõ á custa de suas derrotas habituais, inflingidas pelos piratas, nome que é uma luva para os fenicios.

IV

Pelo exposto deduzir-se-á a impossibilidade de, historicamente, chamarmos "grego" ao povo que habitou, na época classica, as terras helenicas. A Historia, comumente aceita, tem seu inicio na primeira olimpiada, 776, e quem se aventura á sistematisação de épocas anteriores, coordena hipoteses, apalpando nas trevas os vestígios das civilizações e raças desaparecidas em massa, mas sempre vivas nos traços deixados ás que as substituíram.

Sabemos que todos os paizes antigos davam suas populações como autoctones. Diodoro da Sicilia, contemporaneo de Julio Cesar, resume a Historia de seu tempo e nela encontramos os habitantes da Samotracia sendo autoctones, os de Rodes sendo os magicos Telquinos, os de Creta vindos de uns misteriosos Eteocretos, todos autoctones naturalmente ("Bibliothèque Historique". Tradução do grego por Ferd. Hoefler. Paris. 1912). Os gregos justificavam sua superioridade pela ascendencia divina.

Não podendo explicar elementos fenicios, egipcios e lidios entre os seus ancestrais, diziam que aqueles "meneurs" tinham sido meros instrumentos da divindade e, logo após a chegada, casados com mulheres autoctones.

A dedução dessa monomania mitica é apenas uma expressão politico-social (raça mais bem aparelhada) e etnica, (raça provinda dos Deuses).

Na Grecia pré-helenica podemos distinguir tres grandes periodos:

Periodo egeu-primitivo. Civilisação baixa com instrumentos rudimentares e adoração a idolos monolíticos. A sua localisação na ilha de Creta abre o segundo periodo, o egeu-cretense,

de que é tipo o palacio de Cnossos. Civilização adiantada, com conhecimentos ceramicos e hidrograficos, armas de bronze e organização social apreciavel. O egeu-primitivo é de dois a tres mil anos antes de Cristo. O egeu-cretense é de mil e quinhentos a dois mil.

Periodo miceneano, o terceiro na divisão de mil e duzentos a mil e quinhentos anos antes de Cristo. Tipos: Micenas e Tirinto, no continente. Civilização materialmente oriental com poucos rudimentos artisticos. Nos tumulos de Micenas certos esqueletos têm a face coberta pela mascara de ouro, o que indica influencia egipcia. O encontro duma Astarté em folha de ouro denuncia a mão fenicia. Significa que o periodo miceneano foi a era das colonias estrangeiras no continente, quando a vinda dos mesmos para as ilhas europeas e asiaticas se teria dado em principios do miceneano e fins do egeu-cretense.

Assentada essa disposição, lembramos que a idade heroica da Grecia é a transição entre o pelasio e o heleno invasor. Vimos que esta invasão não se deu violentamente mas operou uma serie de migrações dentro da propria patria que se formava de tantos elementos dispares. O heleno primitivo é o chamado Aqueu da epoca de Homero. O grande poeta da "Iliada" e da "Odisséa" chama aqueus todos os gregos, indistintamente, o que expressa a preponderancia absoluta dessa ultima gente sobre as demais aclimatadas e residentes nas regiões gregas, desde a Tessalia e o Epiro até o Peloponeso e a Atica.

Quem era o aqueu? Prevost-Paradol ensina ser uma raça guerreira vinda do norte. Atravessando a Tessalia, ou dela partindo segundo outros, passou pela Beocia e Atica e se fixou no Peloponeso. Os descendentes de Danaus foram expulsos, e na Laconia os moradores primitivos se exilaram.

Esses aqueus possuem nomenclatura extensa e controvertida. Dizem que o nome generico é Heleno que se

dividiu em quatro ramos, justamente os quatro nomes dos descendentes de Deucalião, rei da Tessalia, ponto de irradiação e que eram, como sabemos, eolios, aqueus, dorios e jonios ou ionios. Em tempo historioco já controlado, apparecem combatendo o Faraó Ramsés III uns **aquaivashs** e **danaúnas** que são puramente e simplesmente, os aqueus e dardanos, dorios enfim.

Aos jonios, posteriormente, devemos a expansão grega para a Asia com o estabelecimento de colonias nas ilhas e terra-firme.

Os eolios partindo da Tessalia e Beocia, foram os aliados dos aqueus e argios (do Peloponeso) na guerra de Troia, expedição comercial e guerreira que se destinava ao castigo dos raptadores de mulheres e ao enfraquecimento de uma potencia maritima no Helesponto, caminho do Mar-mara e do Mar Negro, fonte dos mercados gregos. Esta guerra, a primeira guerra que reúne todas as pequenas nacionalidades gregas contra a Asia, só se daria com um motivo geral, uma apreensão que fosse sentida igualmente por todos os povos.

De onde teriam vindo esses aqueus, esses helenos denominadores da terra inteira e que iniciam a era historica da Grecia? Foram e são objeto de estudos pacientes em todos os departamentos da Historia, da filologia, da arqueologia, etc.

O mais acertado por ser mais comumente ensinado pelos eruditos, é fazel-os tomar o caminho da Europa Central em direção aos Balkans. Aí se bipartem. Um a leste, que se radicou e povoou as margens setentrionais do mar Egeu, isto é, a Tracia e a Frigia. O segundo ramo vem pela pista do oeste, atravessando as montanhas da Iliria e do Epiro. São os avós dos helenos estes ultimos. "**Nous pouvons les appeler Achéens**", como ensina o douto Jardé.

Chegados ao Epiro (é a lição de Jardé que traduso e resumo) os aqueus passam para a Tessalia onde a Fitiotida toma a denominação de Acáia, daí para a Grecia Central, e depois invadem o Peloponeso. Atraídos pela fama das riquezas acumuladas em Creta, transpuzeram o mar e destruíram o imperio do rei Minos. Foram até Chipre.

“L'invasion achéenne n'a pas eu la simplicité et la régularité d'une expédition préparée et conduite par un chef unique. Elle s'est faite par arrivées successives de bandes plus ou moins nombreuses et on serait fort embarrassé de discerner les moments et les étapes de ces multiples migrations”.

Apezar desse aspecto confuso quanto á regularidade das migrações guerreiras, sabe-se que a vitória dos aqueus sobre os egeus-cretenses foi devida á superioridade de suas armas, ás armaduras de bronze cobrindo quasi todo o corpo, á espada de lamina estreita e longa contra o punhal e o escudo dos soldados de Creta, amolecidos no conforto de uma civilisação adiantada.

A ultima invasão colonisadora é a dos dorios que vencem os aqueus. As armas dorias já eram de ferro e de nada valeram as lamínas de bronze dos aqueus.

Não mais se discute hoje a procedencia racial dos dorios. São da mesma familia aquea.

“Tandis que les Achéens n'avaient originaiement rien de commun avec les Égéó-Cretois, les Doriens et les Achéens ne sont que des tribus d'une même population, parents de race et de langue. La différenciation des peuples grecs, plus encore leur oposition, ne s'est faite que lentement et tardivement”.

O resumo pois, das diversas populações que invadem e residem na Grecia pré-helenica, poderá ser feito com alguma nitidez:

Egeus influindo sobre pelagios que se estabelecem no continente. Influencia étnica, religiosa e comercial de fenicios, lidios, carios, hititas e egipcios.

A invasão dos Aqueus (Helenos) absorve a população pelasgica e destrõe a civilização de Creta, sendo, por sua vês, vencidos pelos colaterais Dorios. Tanto Dorios como Aqueus são chamados Aqueus e não possuem caracteres diferenciais, exceto o emprego do ferro pelos Dorios que tinham civilização mais adiantada.

O periodo historico começa logo depois do "heroico" e este se expressa na divisão da Grecia em povos, reinos e cidades aliados ou inimigos, sem a noção coletiva de patria comum.

A viagem maritima do "Argos" para a conquista do velocino de ouro na Colchida (Georgia) é uma expedição de conquista ás minas de ouro e a primeira, mesmo sem documentação grafica, jornada maritima de longo curso que os gregos realizam, reunindo quasi todos os representantes das diversas cidades e reinos.

A Grecia é, no ponto de vista etnico, uma fusão de europeus e asiaticos, caldeados com varios tipos humanos, desde o semita até o nordico.

Antropologicamente é impossivel determinar o tipo grego, pois o material encontrado possui especimens de dolicocefalos e braquicefalos, de homens de estatura avantajada, claros, louros, com alhos azues e tambem baixos, morenos, cabelos negros e olhos escuros.

